



JORGE

COOPER

A CIDADE

— É DO —

POETA

# JORGE COOPER

A CIDADE  
— É DO —  
POETA

Agrada-me principalmente nos poemas de Jorge Cooper a identidade que existe entre o poeta e seu panorama natal. Projetando em seus versos as preocupações de ordem metafísica ou psicológica a que nenhum poeta verdadeiro pode fugir, animando-os com a força de um talento que o tempo só poderá tornar mais límpido e sequioso, Jorge Cooper decerto enriquece sua geração com uma poesia em que são muitas as originalidades substanciais e felizes soluções arquiteturais. E seus poemas sobre o Nordeste – tema que apenas um Jorge de Lima e um Joaquim Cardozo conseguiriam interpretar em sua inteireza lírica – revelam da parte deste poeta provinciano uma atitude que chega a ser desnorteante. Contrariando o comportamento de seus jovens pares, que comumente se evadem para as paisagens inventadas, muitas bebidas nas terras de ninguém dos panoramas de poetas europeus, Jorge Cooper não fugiu: é com uma dignidade de um participante e de um intérprete de seu dramático mundo nativo que ele nos fala na terra natal, das redondezas da terra, da lagoa e das estrelas.

**Lêdo Ivo**

## **SINOPSE**

A poesia de Jorge Cooper em contraste com a cidade. A obra reivindica o que daquele lugar lhe pertence. A cidade reage, resiste, se regozija numa agonia urbana.

## **JUSTIFICATIVA**

Num momento em que, mais do que nunca, os artistas alagoanos sentem a necessidade de refletir sobre o lugar onde vivem, uma das formas possíveis para fazer esse percurso é recorrer ao passado e buscar quem melhor realizou a tarefa antes de nós. Mesmo tido por muitos contemporâneos como um dos nomes mais relevantes de sua geração, o poeta maceioense Jorge Cooper não goza do mesmo prestígio e reconhecimento nacional que colegas de ofício como Lêdo Ivo ou Jorge de Lima. Porém, se o tempo ainda não cumpriu o papel de dimensionar o poeta entre os maiores, para os alagoanos sua contribuição é inquestionável tanto na maneira aguda de pensar o “panorama natal” quanto na enorme influência que exerceu sobre toda uma geração de escritores.

Ao dar evidência a sua vida e a sua obra, o documentário Jorge Cooper – A Cidade é do Poeta ambiciona apresentar o escritor para uma nova geração e promover debates em torno de seus textos. Essa, no entanto, é só uma das camadas do cur-

# JORGE COOPER

A CIDADE  
É DO  
POETA

ta-metragem. Com uma abordagem contemporânea, o filme também buscará os ecos da poesia cooperiana espalhados pela cidade de Maceió. Historicamente castigada pela negligência do poder público, a capital é vista como um dos lugares mais desiguais do país. Uma realidade inalterada com o passar do tempo, que inquietou Cooper e outros artistas que o antecederam ou surgiram depois dele.

Utilizando recursos de linguagem ousados, o documentário busca colocar sua obra em contraste com o cotidiano da cidade, literalmente impondo a poesia de Cooper à paisagem - e a partir daí revelando como os milhares de homens e mulheres que transitam pela urbe diariamente reagirão a ela. Para chegar a esse resultado serão adotadas estratégias como a intervenção urbana, o terrorismo poético, o forjamento de autoria (atribuindo a outros escritores renomados alguns dos poemas do alagoano) e a resignificação da própria obra, estimulando que outros artistas criem novos trabalhos a partir de seus textos. A paisagem urbana terá papel central na construção do filme, mas também serão explorados ambientes virtuais. Dessa forma, também será possível evidenciar uma importante característica da poesia cooperiana: seus escritos permanecem extremamente atuais em conteúdo, e formalmente estão ainda mais sintonizados com os tempos atuais que com a época em que foram criados. Curtos, muitos de seus poemas e aforismos dialogam com a linguagem das redes sociais.

Familiares, amigos e admiradores do poeta também participarão do documentário para compor um perfil biográfico que será apresentado muito mais por meio de planos sonoros, do que propriamente de imagens. Além de relatarem seu contato com Cooper e impressões sobre sua obra, os entrevistados (muitos deles poetas alagoanos influenciados por Cooper) também serão provocados a discutir lugar da palavra e do exercício poético no panorama contemporâneo. Todos responderão uma mesma pergunta: afinal, de que forma a poesia se relaciona com a cidade?

## **ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM**

O documentário Jorge Cooper - A Cidade é do Poeta construirá sua narrativa por meio da montagem paralela de quatro dispositivos distintos. Cada um deles funcionará como uma espécie de micro-metragem, que desenvolverá sua ação de maneira independente aos outros, com começo meio e fim. Porém nenhuma dessas ações necessariamente terá desdobramento

# JORGE COOPER

A CIDADE  
— É DO —  
POETA

narrativo no sentido didático do termo. Nem mesmo quando reunidos, se propõem a contar uma história no uso clássico da palavra. Acima de tudo, buscam provocar uma experiência, cada qual a seu modo. A única característica que conectará todos eles é a materialização de símbolos recolhidos do universo poético de Jorge Cooper. O documentário não seguirá o caminho biográfico, no entanto questões sobre a vida do poeta e análises de sua obra serão diluídas na forma de pílulas de informação, seja através do plano sonoro, ou das muitas representações visuais obtidas a partir de cada um dos dispositivos, que serão apresentados no tópico a seguir.

## **DISPOSITIVOS:**

### ***Construção de representações visuais***

A câmera percorrerá a cidade em busca dos sentimentos provocados pela poesia de Jorge Cooper. Os silêncios, as formas, os sons, o caos, as feições, as harmonias e desequilíbrios presentes na paisagem arquitetônica, natural e humana. Entre os espaços selecionados, estarão lugares que pertenceram ao cotidiano do poeta: a casa onde viveu, as ruas do bairro, as praças, logradouros citados em seus textos etc. Não será respeitada uma estética única. Todos os elementos serão vistos por uma abordagem ora contemplativa, ora histriônica, ou no caminho entre esses extremos. Da mesma forma, serão utilizadas texturas distintas para alcançar os mais diversos resultados. Da câmera no tripé ao steadcam, do timelapse ao slowmotion, da Go Pro ao Super-8.

### ***Intervenção urbana***

Funcionando como contraponto ao dispositivo anterior, que buscou os signos “cooperianos” na cidade, aqui a imagem do lugar será literalmente invadida pela palavra do poeta. Pequenos trechos de poemas do autor serão projetados em fachadas de prédios públicos e residenciais, no asfalto, em outdoors, em monumentos e outros ícones urbanos. Algumas frases serão grafitadas na cidade, em espaços previamente negociados. As reações dos transeuntes a essas intervenções também serão registradas. Também serão comprados outdoors e letreiros luminosos para estampar poesias do escritor durante um período determinado.

# JORGE COOPER

A CIDADE  
É DO  
POETA

## ***Resignificação da obra***

De que maneira a obra de Jorge Cooper dialogaria com a contemporaneidade? A resposta para essa pergunta será buscado por meio de algumas estratégias ousadas. O poeta Fernando Fiuza costuma dizer que essa, mas do que qualquer outra, essa é a época cooperiana, já que seus poemas cabem num tweet. É a mesma época em que a palavra vive uma crise evidente. Em tempos de redes sociais, em que a autoria é distorcida diariamente com textos sendo atribuídos aos escritores que não os escreveram, poemas de Cooper serão lançados nas redes sociais com se pertencessem a gente como Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Fernando Pessoa, Jô Soares e Arnaldo Jabor. Outros poemas serão impressos na forma de panfletos religiosos, e distribuídos nos semáforos. Uma última estratégia de resignificação da obra do poeta será convocar grupos de hip-hop para utilizar sua poesia como matéria-prima de composições. Todos esses procedimentos serão registrados e “embaralhados” na montagem.

## ***Reunião de amigos***

Alguns dos poetas e pensadores mais ativos atualmente no cenário artístico alagoano conviveram com Jorge Cooper e testemunharam seu processo criativo. Graças ao esforço de alguns desses amigos/admiradores, inclusive, a obra de Cooper tem sido mantida na ordem do dia, mesmo que seja em ocasião de efemérides. Entre esses nomes estão os poetas Marco de Faria Costa, Sidney Wanderley e Ana Maria Vieira Soares, a professora do curso de Letras Susana Souto Silva (a quem Cooper chegou a dedicar um poema), o antropólogo Dirceu Lindoso, o poeta Fernando Fiuza (que não conheceu o autor, porém é estudioso de seu trabalho), e Charles Cooper, médico, poeta e herdeiro. O grupo será convidado a se reunir numa confraternização preparada pela produção, no sítio onde Cooper fazia veraneio. Na festa eles serão estimulados a relatar suas memórias do convívio com o poeta, assim como suas impressões sobre a poesia cooperiana. A intenção é que o vinho servido na reunião os deixe a vontade para contar inclusive as histórias mais capciosas. A bebida também ajudará a deixar suas emoções à flor da pele. Recortes do encontro poderão ser utilizados para montar uma representação mais humana do artista. Trechos também poderão servir como plano sonoro para passagens visualmente subjetivas.

# JORGE COOPER

A CIDADE  
É DO  
POETA

## BIOGRAFIA

Jorge Cooper nasceu, oficialmente, no dia 09 de dezembro de 1911 num pequeno sobrado na antiga praça Montepio dos Artistas, no Centro de Maceió. Seu pai, Charles Mitchell Cooper, um inglês naturalizado brasileiro, trabalhava na alfândega e complementava a renda da família fazendo esculturas para jazidos de famílias abastadas da capital. Sua mãe, Arlinda Cavalcante Albuquerque, vinha de uma família de antigos senhores de engenho falidos. A relação entre os pais não era amistosa e, enquanto o pai tinha ligação com a literatura e com a arte, a mãe reclamava dos sonhos e devaneios do marido dentro de suas incursões artísticas.

Sua relação com a poesia se intensifica quando, na adolescência, consegue seu primeiro emprego no Banco Norte do Brasil S/A e com o salário passa a frequentar as livrarias mais tradicionais de Maceió. O dinheiro também lhe deu a liberdade de, nas horas vagas, frequentar as noites acompanhadas de bebidas e mulheres, lhe rendendo a fama de má companhia.

Cansado da rotina em Maceió, demite-se do banco e parte para o Rio de Janeiro com pouco dinheiro no bolso. Lá é recepcionado e recebe abrigo de uma prima de sua mãe, mas o envolvimento com a filha noiva da parente acaba levando Jorge Cooper, desempregado e sem dinheiro, a morar nas ruas do Rio de Janeiro. A situação lhe deu coragem para embarcar novamente em um navio para o Nordeste.

Quando o navio realizou uma parada em Maceió, acaba encontrando seu pai, trabalhador da Alfândega, que o convence a voltar para casa. De volta aos cuidados excessivos da mãe e a atmosfera provinciana de Maceió, retoma com mais maturidade o emprego no banco e passa a dedicar seu tempo à leitura. Em 1944, aos 33 anos, sofre o duro golpe de perder o pai e passa então a escrever seus primeiros poemas.

Nessa mesma época, inspirado por ideais de justiça social, ingressa no Partido Comunista Brasileiro (PCB) para dar vazão à sua inquietude. Neste período passa a receber influência da liberdade formal através de autores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, dos quais encontra apoio para uma característica importante em seus poemas: a ausência de pontuação, com exceção do travessão, que exerce função diferente na sua linguagem poética.

Sua poesia também é marcada pela concisão e pela economia das palavras, inclusive nos títulos dos poemas, escritos com números ordinais ou cardinais. Exemplos como Poema Vigésimo Segundo, Poema 25 ou ainda simplesmente Poema.

# JORGE COOPER

A CIDADE  
— É DO —  
POETA

Em 1949, aos 38 anos, casa-se com Stella e volta para o Rio de Janeiro em busca de emprego e estabilidade. Tenta trabalhar em diversas áreas, em geral com baixos rendimentos, e acaba se encontrando na área de jornalismo.

Com estabilidade financeira e apaixonado, torna-se um exímio revisor para jornais importantes do Rio de Janeiro e sempre que não estava trabalhando, dedicava-se à poesia. Seus trabalhos renderam um texto de seu conterrâneo Lêdo Ivo, que o tratava como um nome promissor da literatura brasileira.

Após quase 20 anos vivendo no Rio de Janeiro, problemas financeiros, uma saúde debilitada e a instauração da ditadura militar (Jorge Cooper possui um histórico de ligação com o comunismo) fazem o poeta regressar, ainda que a contragosto, para Maceió. “Vim para Maceió para morrer. Maceió só serve para morrer”, teria dito o poeta com humor ácido para amigos.

Apesar do período difícil, inclusive com a reclusão em casa por problemas cardíacos, Jorge Cooper encontra um outro prazer na sua volta para Maceió. Jovens poetas e admiradores de poesia na capital alagoana passam a frequentar a casa do poeta por intermédio de Marcos de Farias Costa. Os encontros geram conversas, histórias e discussões que animam a alma do poeta.

O espírito rejuvenesceu como o próprio poeta afirma em sua última entrevista: “Eu tô me liquidando, mas não quero morrer. A carcaça tá podre, mas o desgraçado do espírito é lúcido e o instinto de conservação brabo berra e diz: ‘Quero viver!’”. Preparou suas obras com riqueza de organização para que fossem publicadas após sua morte, de forma que atendessem às suas expectativas de publicação.

Em 28 de abril de 1991, às dezessete horas, Jorge Cooper morre aos 79 anos de idade. Seu corpo é sepultado no dia 29 de abril, no Cemitério do Trapiche da Barra e seu corpo é enterrado no jazigo de sua família, num final de tarde chuvoso em Maceió. Em relação a sua poesia, cabe aqui a colocação de Fernando Fiúza, ao dizer que vivemos o século cooperiano:

“Sua capacidade de síntese é bem mais apropriada aos nossos tempos velozes do que o derramar-se incontinente. Um poema de Cooper cabe num torpedo ou no Twitter”.

## **EQUIPE BÁSICA**

### **DIREÇÃO** **Victor Guerra**

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Alagoas. Foi assessor de comunicação durante 6 anos antes de começar a trabalhar com audiovisual. Atuou como logger e assistente de produção no filme *O Que Lembro, Tenho* (2012) e como assistente de direção e montagem no documentário *Exu - Além do Bem e do Mal* (2012), além de contribuir no roteiro deste. Realizou a edição e pesquisa de roteiro e imagens no projeto *Rebordando o Bico Singeleza* - vídeo institucional de preservação da memória. Foi editor do vídeo institucional *AAPPE, Construção de um Sonho*; entre outros projetos especiais para a agência *Núcleo Zero*. Atualmente trabalha como diretor e editor de videoaulas para youtube no Projeto *Física Total*, segundo maior canal de aulas de física do Brasil.

### **ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO** **Luísa Estanislau**

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas (2013). Entre 2009 e 2012 participou do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (Fau/Ufal), atuando como pesquisadora e membro do núcleo audiovisual do Laboratório de Criação *Taba-ê-tê*, onde participou como assistente de direção e de fotografia nos curtas-metragens *A sós* (2009), exibido na II Mostra *Sururu de Cinema Alagoano* (2011) e no I Festival de Cinema Universitário (2011) e *Todavia* (2011) de Alice Jardim, premiado com 1º lugar na Mostra Competitiva Nacional do Festival *Arte.Mov* (2012) em Belo Horizonte e exibido, ainda no mesmo ano, no *Festiva Hong Kong International Film Awards* (HKIMFA). Ambos os vídeos exploram a cidade, tanto como um organismo vivo e dinâmico, quanto um dispositivo de memória. Participou ainda da mostra de vídeo-arte realizada na *Pinacoteca Universitária da Ufal* (2010), com o vídeo experimental *quintal* (2009), onde explora arquitetura enquanto memória afetiva e visual.

### **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO** **Rafhael Barbosa**

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Alagoas, atuou como cineclubista, curador de mostras e setorista de cinema do *Jornal Gazeta de Alagoas* antes de iniciar carreira no audiovisual. Dirigiu o documentário *Chimarrão, Rapadura e Outras Histórias* (2007), escreveu e dirigiu o curta-metragem de ficção *KM 58* (2011), vencedor do prêmio de



# JORGE COOPER

A CIDADE  
— É DO —  
POETA

melhor filme na II Mostra Sururu de Cinema Alagoano e selecionado para o Cine PE 2012. Também é diretor e roteirista de O que Lembro, Tenho (2012), curta-metragem vencedor de seis prêmios na III Mostra Sururu de Cinema Alagoano (melhor filme de ficção, melhor roteiro, melhor diretor, melhor atriz, melhor som e melhor trilha sonora), vencedor do prêmio de melhor atriz no Festival do Júri, além de selecionado para a Mostra do Filme Livre e para a Mosca – Mostra de Audiovisual de Cambuquira. Como produtor, trabalhou nos documentários Interiores ou 400 Anos de Solidão (2011), projeto contemplado no Programa Petrobras Cultural, e Exu – Além do Bem e do Mal (2012), projeto selecionado no segundo edital de Fomento a Produção Audiovisual de Alagoas, ambos dirigidos por Werner Salles Bagetti.

## **DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA**

### **Michel Rios**

Fotógrafo há 8 anos, começou a trabalhar com audiovisual em 2011, participando como assistente de fotografia no curta-metragem KM 58 (2011) de Rafael Barbosa. No mesmo ano, participou como co-diretor de fotografia no documentário Interiores ou 400 Anos de Solidão (2011) de Werner Salles. Ainda em 2011 foi aluno no Workshop de Direção de Fotografia de Alziro Barbosa, realizado pela Secult em parceria com o CANNE/Fundaj. Em 2012 venceu o prêmio de melhor direção de fotografia na III Mostra Sururu de Cinema Alagoano, por seu trabalho no documentário Exu – Além do Bem e do Mal (2012), de Werner Salles Bagetti. Também fez a direção de fotografia do curta-metragem O que Lembro, Tenho (2012), de Rafael Barbosa.

## **SOM DIRETO**

### **Emmanuel Miranda**

Profissional em áudio há 10 anos, fez parte de gravações na Holanda em uma das maiores escolas de engenharia de áudio do mundo, a SAE. Iniciou trabalho no setor audiovisual em Alagoas em 2011 e desde então participou de oito curtas. Também é produtor musical e proprietário do único estúdio especializado em pós-produção de áudio em Alagoas. Em 2012, trabalhou como assistente do técnico de som Márcio Câmara no curta-metragem Farpa (2012), de Henrique Oliveira.

## **MONTAGEM**

### **Werner Salles Bagetti**

Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal

# JORGE COOPER

A CIDADE  
— É DO —  
POETA

de Alagoas. Escreveu e dirigiu os documentários Imagem Peninsular de Lêdo Ivo (2003), História Brasileira da Infâmia – Parte 1 (2005), Interiores ou 400 Anos de Solidão (2011), vencedor do prêmio de melhor documentário na III Mostra Sururu de Cinema Alagoano, e EXU – Além do Bem e do Mal (2012). É vencedor do Troféu Candango no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro pelo roteiro do documentário Tudo Isto me Parece um Sonho (2008), dirigido por Geraldo Sarno, e montou o curta-metragem KM 58.